

Mídia Cidadã

Tema central:

Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes colaborativas no contexto da pandemia

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – **FAAC**

Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Tempos de pandemia, tempos de inovação: os desafios da produção audiovisual na extensão universitária em meio ao isolamento¹

David Perez Milani, Jully Ana Mendes, Paula Bulka Durães, José Carlos Fernandes², Elson Faxina³.
Universidade Federal do Paraná.

O Programa e seus envolvidos

O Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) é um programa de extensão do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (Decom - UFPR) que atua, prioritariamente, na criação de instrumentos de educomunicação e comunicação popular - visando a democratização das vozes - junto a escolas da periferia da região metropolitana de Curitiba, movimentos sociais e outras instituições. Internamente, o Ncep se divide em três projetos principais, subdivididos em nove projetos específicos, com a contribuição de parceiros externos ou internos à comunidade acadêmica. Devido à proliferação descontrolada do vírus Covid-19, o Núcleo está desde março de 2020 até o presente momento restrito às atividades remotas.

¹ Trabalho apresentado no GT5 - **COMUNICAÇÃO CIDADÃ: GÊNERO, RAÇA, DIVERSIDADE E REDES COLABORATIVAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA**, da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação social.

² Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, professor titular do curso de Jornalismo e Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação Popular da UFPR.

³ Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná, professor titular do curso de Jornalismo da UFPR.

Ao todo, a gestão possui dezoito extensionistas das três graduações de comunicação social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas), número que varia devido à rotatividade de estudantes. Esses ocupam os seguintes cargos específicos para a manutenção do projeto: Direção de Arte, Financeiro, Mídias Sociais, Projetos e Relações Públicas. A coordenação é do Prof. Dr. José Carlos Fernandes, que conta eventualmente com a parceria de outros professores em eventos e produções específicas. Os projetos do Núcleo se ramificam de maneiras diversas, como a participação em ações com refugiados e imigrantes humanitários, parceria com o Complexo Hospital de Clínicas UFPR, ações de educomunicação em colégios estaduais, criação de um acervo virtual de materiais didáticos, grupos de trabalho e a produção de materiais audiovisuais.

Em 2021, o Ncep completa dezoito anos de atuação ininterrupta desde a sua fundação em 2003. Nesse período, o desenvolvimento das ações e o aumento de visibilidade dentro do campus foi intensificado. O reconhecimento do projeto para além da Universidade, inicia-se nos inúmeros produtos finalizados por ano, até o prestígio de participar de congressos e premiações de visibilidade nacional, como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Além disso, o NCEP segue relevante para além dos muros da Universidade e do Núcleo em si, já tendo sido utilizado como tema de trabalhos de conclusão de curso e facilitando o intercâmbio para o exterior de ex-membros, reforçando assim a tríade universitária, ensino, pesquisa e extensão.

As parcerias e amizades

O presente resumo discorre sobre dois produtos distintos, mas que se assemelham tanto na proposta como na relação que o Ncep tem com as comunidades envolvidas. Para isso, descrevemos quem são esses grupos e como era a ligação do núcleo com eles no contexto pré-pandemia de Covid-19. Os produtos desenvolvidos em 2020 e com perspectiva de serem finalizados em junho de 2021, são dois documentários audiovisuais, que retratam os desafios das ações educativas no cenário pandêmico. Estas duas produções contam com a orientação do Prof. Dr. Elson Faxina.

Orientados pelos princípios extensionistas, também da comunicação popular e da educomunicação, citamos aqui alguns autores que embasam as ações do Núcleo. A priori o patrono da educação Paulo Freire, nos auxiliando nos conceitos de dialogicidade e autonomia. Também os autores que nos embasam para a educomunicação como: Ismar de Oliveira Soares; Roberto Aparici; e Guilherme Orozco Gómez. No entendimento da comunicação popular nos apoiamos em Cicilia M. Krohling Peruzzo. Já sobre a compreensão da linguagem do documentário audiovisual, nos baseamos em autores como Bill Nichols e Arlindo Machado.

Colégio Estadual Santos Dumont, localizado no bairro Guaíra, conhecido também como Vila Guaíra, a 10km do campus de comunicação. O bairro está localizado próximo a duas

ocupações históricas da cidade de Curitiba: a favela do Parolin e o Lindóia. Com o objetivo de tornar o espaço do colégio um ambiente de inovação, emancipação e atrativo para os estudantes (OROZCO GOMÉZ, 2014), visando a diminuição da evasão escolar, o Ncep foi convidado no ano de 2016 para auxiliar na implementação de uma rádio escolar em parceria com o grêmio estudantil. De maneira interativa, o núcleo ministrou oficinas durante o ano que resultaram na primeira rádio do colégio, a “Som do Aprendizado”, nome escolhido pelos estudantes. Mesmo sem equipamentos adequados, a rádio funcionou como uma ferramenta de educomunicação (APARICI, 2012), que perdurou durante o ano de 2017 e 2018. Já no ano de 2019 a abordagem foi diferente, com a produção de três *spots*, um modelo mais curto de produção de rádio, trazendo temas de interesse dos jovens. No mesmo ano também foi realizada uma peça de teatro, onde osicineiros elaboraram o roteiro, atuaram e fotografaram o espetáculo, apresentado para alunos, professores e funcionários do colégio. A peça com a temática, intitulada “Identidade e Aceitação”, foi a última atividade presencial do Ncep com o colégio.

A Comunidade do Caximba, localizada cerca de 30 km do departamento de comunicação, faz parte da periferia de Curitiba, conhecida pelas ocupações irregulares, um território de constante luta pelo reconhecimento. Sofre muitas vezes do descaso do poder público e estigmatização negativa da mídia, sempre referenciada como “antigo lixão”, por estar na região de um aterro sanitário desativado. O contato com a comunidade foi em 2018, através de uma parceria com o Ministério Público do Paraná (MPPR), e o Colégio Estadual Maria Gai. O objetivo era levar oficinas de educomunicação para a Ocupação 29 de Outubro, visando o protagonismo juvenil (APARICI, 2012). O primeiro passo foi a criação de uma página no Facebook chamada “Caximba por outros olhos”, e o segundo foi um jornal no formato de *FanZine*, conhecido como “A voz do Caximba”, nomes escolhidos pelos estudantes, que tinham o intuito de mostrar notícias que não são vinculadas na mídia tradicional. Os produtos conectaram os princípios da educomunicação com a comunicação popular (OROZCO GOMÉZ, 2014; SOARES, 2012; PERUZZO 2004). O ano se encerrou com uma batalha de rima, em que a organização, divulgação e fotografia foram feitas pelosicineiros, ação que foi repetida no ano seguinte através de um *Slam Poetry*. No ano de 2019 as oficinas foram realizadas no Centro de Referência da Assistência Social Caximba (CRAS). No último semestre de atividades presenciais foi organizado um documentário. Resgatando o nome “Caximba por outros olhos”, a produção feita em parceria valorizou a comunidade e o pertencimento dos moradores (PERUZZO, 2004).

Colégio Estadual João Gueno, colégio que fica localizado na região metropolitana de Curitiba, no município de Colombo. O João Gueno está a uma distância de 34 km do campus de comunicação, no bairro São Dimas, com problemas de infraestrutura como baixo asfaltamento e iluminação precária. A parceria com o Ncep se deu em 2018, com a elaboração de um livro de

crônicas que foi chamado de “O Meu, o Seu, o Nosso São Dimas”, a partir de produções feitas pelos estudantes do oitavo ano do colégio. O livro teve uma centena de cópias distribuídas para os familiares dos escritores mirim. As crônicas foram a forma encontrada para retratar o bairro em que eles viviam de forma diferente de como aparecia nos jornais da mídia hegemônica, que tinham um enfoque exclusivo na violência. Os princípios extensionistas de emancipação são observados nesse projeto, assim como a dialogicidade (FREIRE, GUIMARÃES, 2013). A parceria se renovou no ano de 2019 com a criação de um blog de notícias, chamado “*Gueno News*”, com intuito de continuar na retratação do bairro pelo olhar dos estudantes e divulgar as atividades do colégio. No ano de 2020 a parceria teve de se reinventar, devido ao cancelamento das aulas presenciais. As reuniões começaram a ser em formato on-line, passando por obstáculos de conectividade e interatividade, que foram vencidos pelos extensionistas e oficinairos, dando vida ao novo projeto do João Gueno. Nasceu a revista “Janelas Abertas”, que já teve duas edições online que foram sintetizadas em uma versão física. Algumas crônicas presentes no livro e também na revista viraram um *audiobook*.

Essas três comunidades fazem parte do primeiro documentário, devido a todas terem como público professores e estudantes de colégios estaduais. Todas as produções citadas nesse resumo podem ser conferidas nas redes sociais do Ncep: <https://www.facebook.com/ncep.ufpr>

Vila Torres, comunidade favelizada mais antiga da capital paranaense, localizada cerca de 5 km do departamento de comunicação, região central. O local sofre de uma violência histórica, comandada pelo tráfico de drogas e ações policiais. O Ncep teve contato com o Torres a partir de um grupo de trabalho interno, que tinha como objetivo aprender sobre “história oral”, para posteriormente ter capacidade de oferecer oficinas sobre o assunto para a comunidade, priorizando os princípios da comunicação popular. As oficinas se iniciaram após a parceria com a ONG “Passos da Criança”, que trabalha com desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. As atividades foram organizadas para compartilhar conhecimentos sobre entrevistas, e como utilizar câmeras e gravadores, para que os jovens oficinairos pudessem então sair pela comunidade entrevistando figuras conhecidas, valorizando a memória e a história oral da região (PERUZZO, 2004). As entrevistas e os cartazes elaborados com as fotografias produzidas foram apresentadas no “1º Festival Vila Torres”. O Ncep propôs a criação de um “Museu da Periferia”, que tem como objetivo expor histórias da vila de forma virtual e educativa, reforçando a interação dialógica entre extensão e comunidade (FREIRE, GUIMARÃES, 2013). O projeto do museu precisou dar uma pausa devido à pandemia do coronavírus, e deu lugar a um dos documentários, material desse resumo.

Durante esses anos de parcerias foram realizadas incontáveis reuniões internas e externas, assim como oficinas que resultaram em todos os produtos acima apresentados. As ligações vão além do vínculo institucional, são relações de respeito e amizade, baseadas em trocas e dedicação mútua. Conhecida a relação com nossos parceiros, explicaremos o por que e como foram realizados

esses dois produtos audiovisuais em tempos de pandemia. O registro é de grande importância para as comunidades envolvidas, pois reforça os laços de confiança com o projeto e caminha ao lado do princípio da democratização das vozes. Construídos de forma interativa, ouvindo e reconhecendo as dificuldades de todos os envolvidos, seja por problemas de conexão ou escassez de equipamentos, a construção desses documentários está sendo um processo contínuo de aprendizado, num cenário sem precedentes e de incertezas, em que o Ncep consegue manter os vínculos e produzir materiais de magnitude expressiva.

A produção em isolamento

O Decom - UFPR promoveu na metade de 2020 um programa online chamado “Floresta Delivres”, onde seriam apresentados diversos conteúdos produzidos por professores e alunos dos cursos. Os participantes do Ncep decidiram, então, criar vídeos que mostrassem o cotidiano das pessoas que já eram parceiras dos projetos Caximba e Dumont. Porém, a ideia não funcionou, a desmotivação gerada pela pandemia fez com que o convite para participar fosse ignorado por grande parte dos parceiros. Isso despertou nos extensionistas uma vontade de ir além do programa proposto pela faculdade. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de produzir um webdocumentário que mostrasse as dificuldades que nossos parceiros estavam enfrentando no momento e como buscavam superá-los. O objetivo passou a ser abordar o processo educacional em escolas públicas de Curitiba durante a pandemia, visto que já era costumeiro para o Ncep tratar aspectos relacionados à educação. A partir disso a questão principal era a viabilidade de executar o projeto durante um período de exceção e como isso seria organizado.

O grupo foi orientado a, primeiramente, entrar em contato com as pessoas que fariam parte da iniciativa para ter um panorama geral da situação e, dessa forma, ver o que seria possível realizar ou não. Depois disso, foi realizada uma reunião com os educadores das escolas, onde foi feito um levantamento de quais eram as potencialidades de narrativa, analisando quais pontos seriam importantes para a trama principal, reforçando a dialogicidade, do entendimento de que o documentário não seria produzido “por nós, para eles” e sim “de nós com eles”. Com a definição desses pontos, foi possível criar um guia para começar a primeira rodada de diálogos e entrevistas individuais. A primeira leva de conversa foi composta por 13 pessoas, 11 educadores e dois estudantes. O contato com os participantes não foi tão fácil quanto o esperado. A rotina conturbada no período colaborou para muitos desencontros e desmarcações, mas, no final, deu certo. As perguntas eram mais simples e abertas, para estimular que o entrevistado se sentisse confortável para dar seu depoimento da forma mais natural possível. As perguntas iam de “Como foi pra você entender que só poderia ficar em casa durante a quarentena?” a “Como você percebe a

produtividade dos alunos?” e “Quais foram os momentos mais complicados pra você?”. Isto fez com que a conversa rendesse muito conteúdo para ser usado no documentário.

Apesar de render um bom conteúdo, a qualidade das gravações ficou abaixo do esperado e algumas tiveram necessidade de regravação. A falta de intimidade com as tecnologias, as conexões instáveis, a qualidade das câmeras, ruídos externos, entre outros pontos resultaram no descarte de algumas filmagens. Tentando superar esses obstáculos, na segunda rodada de entrevistas, criamos uma espécie de protocolo, que consistia em passar algumas informações para os participantes, como posicionamento de câmera, iluminação, cenário, som apropriado, e elencar um extensionista para ficar responsável pela verificação do áudio e da imagem durante a entrevista. A esse foi dado o apelido de “Chato”, pois era o responsável por parar a conversa no meio para dar orientações, sempre dentro de um processo educacional.

Quando prontas as primeiras regravações, uma nova etapa do processo foi iniciada: as transcrições e criação de roteiro. Foram transcritas todas as entrevistas, totalizando 64 páginas de texto, por ser um processo muito demorado, o grupo teve auxílio de uma ferramenta do Google de transcrição simultânea, mas ela não era 100% eficaz, exigindo uma boa revisão “humana”. A partir destas transcrições, deu-se a seleção das falas que mais poderiam somar na narrativa e estas foram separadas em tópicos, resultando em dez principais: Começo da pandemia; Aulas gravadas; Interação dos estudantes; Possível volta às aulas; Como os professores vão ser vistos depois; Dificuldades e jornadas de trabalho; Primeira aula depois do fim da pandemia; Aprendizagem; Entrega dos alimentos; e Evasão escolar/resgate dos alunos. Dessa forma, o primeiro esboço do roteiro foi criado.

Depois do pré-roteiro feito, o projeto entrou em férias, em função do calendário escolar, e tudo que havia sido feito foi deixado em standby para que, retornados da pausa, os extensionistas partissem para uma outra análise mais profunda do que permaneceria ou não no documento final. Quando as atividades voltaram à ativa, já em 2021, o Brasil era outro. As mortes pela Covid-19 cresceram exponencialmente, surgiram variantes, o cenário havia mudado completamente desde os relatos. A equipe responsável pelo documentário se reuniu para conversar sobre as possibilidades que o produto tinha, em um cenário sem precedentes, onde a insegurança e o medo são sentimentos constantes. Surgiram então diversas ideias, mas entendemos num primeiro momento que, mesmo com uma imensidade de perspectivas, o nosso roteiro deveria seguir. Relembramos então o objetivo que nos levou até esse momento, que era mostrar as dificuldades e valorizar o trabalho dos educadores e estudantes, durante o isolamento, e que mais que parceiros, são amigos do Ncep. Por isso surgiu, então, a necessidade de fazer uma outra rodada de entrevistas para que o documentário não se tornasse algo defasado ou datado e trouxesse as experiências vividas por eles nesse novo

momento social demonstrando como eles mesmos construíram formas de enfrentamento e superação.

Para essa segunda leva de entrevistas, apenas três perguntas foram selecionadas, sendo a primeira delas “O que mudou da primeira vez que conversamos para agora?”. Diferente da primeira vez, muitos deles haviam perdido entes queridos, alguns até contraíram a doença. O professor Adão, um dos participantes, chegou a ficar internado durante 13 dias por complicações devido a contaminação do vírus. Por esses e outros motivos, o tom dessa nova conversa foi outro. Um dos professores do Colégio Santos Dumont faleceu por causa do coronavírus, o que causou muito impacto naqueles que tinham convivência com ele. Falas de sofrimento como “é uma dor muito grande, onde isso vai parar?” se fizeram muito mais presentes nesta vez. Um desafio para os extensionistas foi como reagir a esses momentos de grande emoção. Não temos a possibilidade de dar um abraço de alento ou olhar nos olhos com carinho, por isso a interação via reunião online fez esses momentos ainda mais difíceis. Mas esse novo momento rendeu um material impactante para a produção.

Por outro lado, foi possível notar que esse processo, de certa forma, resultou numa forma importante de democratização dos processos comunicacionais e do uso educativo das novas tecnologias de conectividade. Professores estão se redescobrando, aprendendo a lidar com ferramentas que antes achavam deveras complicadas. Ao passo que antes houve necessidade de regravação, desta vez tudo ocorreu de maneira bem fluida e com qualidade, o que demonstra também um aprendizado nos modos de relacionar-se com uma nova narrativa, a documental. Nos depoimentos, educadores relataram que, surpreendentemente, os alunos estavam mais presentes do que antes. Mesmo com a carga emocional que o período trazia e com certos imprevistos, como a impossibilidade de contato com uma das estudantes para obter um novo relato, esta fase foi mais rápida de ser executada. Em seguida, foi realizada novamente a transcrição e seleção dos elementos tidos como mais importantes para a finalização do roteiro. Com o roteiro pronto, agora o projeto é encaminhado para a última etapa, a edição, que começou no mês de maio de 2021, cerca de um ano após o início das entrevistas.

O documentário do projeto que acontece na Vila Torres, por mais que não tenha ainda todo o conteúdo gravado, está seguindo a mesma linha de execução e não é só porque é orientado pelo mesmo professor, mas porque segue uma proposta de educomunicação, embora adaptada a esse novo momento social. O objetivo deste é mostrar um pouco do que é a ONG “Passos da Criança” e como tem sido esse momento de pandemia para eles: como se tem feito as adaptações, o que foi alterado e o que eles pretendem manter no período pós pandêmico. Isso tudo mostrando o funcionamento da organização, como são as atividades, o que os colaboradores produzem, a entrega

de kits que está sendo realizada durante o isolamento. Enfim, conhecer a fundo este espaço, e sempre com a participação dos próprios envolvidos na construção da narrativa.

O processo de produção também iniciou com conversas, transcrições e seleções de pontos mais importantes. Assim como no projeto sobre educação na pandemia, este também teve que se adaptar às condições impostas e se transformar à medida que os impedimentos apareceram no caminho, o que não é coincidência. Isso se dá porque o processo educacional ocorre também por meio de acertos e erros, ainda mais em uma conjuntura excepcional como a pandemia. Segundo Guilherme Orozco Gómez (2014, p. 100), “Um cidadão não se torna interativo da noite para o dia. Deverá passar por um processo de tentativa e erro, e de transformação cultural importante”. Para ele, “o experimentar e o arriscar vão permitindo o conhecer e o produzir, e finalmente o aprender”.

A extensão universitária precisa estar em constante evolução e adaptação, seja para conseguir conversar com a comunidade ou, nesse contexto pandêmico, para se adaptar ao momento de relações virtuais. A criação de vínculos e redes colaborativas é um desafio grande a ser ultrapassado. A interação a distância pode ser problemática, mas este relato é um exemplo de que não é intransponível.

Palavras-chave: educação na pandemia; educomunicação; comunicação popular; projeto de extensão; audiovisual.

Referências bibliográficas:

APARICI, Roberto. **Educomunicação: para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a Mídia: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMÉZ, Guilherme Orozco. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005

MACHADO, Arlindo. **A Arte do Vídeo**. São Paulo, Brasiliense, 1995

PERUZZO, Círcia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2012.